

POLIFONIA	GUIABÁ	EdUFMT	V. 14	p. 175-189	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------------	------	----------------

CONTO: TRAVESSIA E LIBERDADE

Maria de Fátima Cruvinel*

RESUMO: A leitura contribui para o exercício da análise e interpretação dos enunciados manifestos nos diferentes e variados gêneros discursivos que circulam na sociedade. Acreditando nessa premissa é que se propôs investigar o poder que a narrativa curta pode exercer sobre os jovens leitores, a partir de uma disciplina optativa oferecida a alunos de ensino médio do Cepae/UFG. O objetivo do curso foi o de provocar o interesse pelo discurso ficcional, mediante uma seleção de contos da literatura universal e brasileira, com o propósito único de ler em sala de aula para garantir o envolvimento do leitor no universo da ficção. Este estudo ampara-se nessa prática escolar para refletir sobre a leitura literária e a formação de leitores de um gênero que tem como marca a transgressão, dada a linguagem desdobrada, polissêmica e apta a provocações.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, literatura, conto.

SHORT STORY: CROSSING AND FREEDOOM

ABSTRACT: The practice of reading undeniably contributes to the exercise of analysis and interpretation of the enunciations found on the different and various discursive genres that are present in the society. Believing in this premise, it has been proposed a research about the power that short narrative could have upon

* Professora Adjunto da Área de Comunicação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. E-mail: fatimacruvinel@uol.com.br

young readers, by running a course, offered as an elective subject to high school students from Cepae/UFG. The course aimed to instigate the interest for the fictional discourse by the reader-student through a selection of universal and Brazilian literature tales, with the only purpose of reading in the classroom for guaranteeing the reader to get involved in the fiction universe. This work relies on this school practice to reflect upon the literary reading and the formation of readers of a genre which has the mark of transgression, given a language unfolded, polysemic and well-suited to provocation.

KEYWORDS: reading, reader formation, literature, tale.

Apresentação

A prática da leitura inegavelmente contribui para o exercício da análise e interpretação dos enunciados manifestos nos diferentes e variados gêneros discursivos que circulam na sociedade. Na escola, é por meio dessa prática que o aluno pode ampliar sua compreensão da linguagem e do mundo, especialmente quando se trata da leitura do gênero literário. Acreditando nessa premissa é que se propôs investigar o poder que a narrativa curta pode exercer sobre os jovens leitores, a partir da realização de um curso oferecido como disciplina optativa a alunos de ensino médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/UFG. O objetivo desse curso foi o de provocar no aluno-leitor o interesse pelo discurso ficcional, mediante uma seleção de contos da literatura universal e brasileira, com o propósito único de ler em sala de aula para garantir o envolvimento do leitor no universo da ficção. O presente estudo ampara-se nessa prática escolar para refletir sobre a leitura literária e a formação de leitores de um gênero que tem como marca a transgressão, dada a linguagem marcadamente desdobrada, polissêmica e apta a provocações.

As motivações para o curso

Como tentativa de responder à freqüente interrogação “para que serve a literatura?” (talvez a pergunta mais comum e provocativa de nossos alunos), Umberto Eco (2003, p.10) apresenta algumas funções que o gênero literário assume, tanto para a nossa vida individual quanto para a social. A primeira delas seria a de manter em exercício a língua como patrimônio coletivo. Autônoma em relação à academia ou à política (lembremo-nos do caloroso debate acerca dos estrangeirismos no Brasil), a língua, afirma o estudioso italiano, “vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura” (ECO, 2003, p.10). Outra função seria a de criar identidade e comunidade, na medida em que contribui para formar a língua. E essa função pode ser ilustrada, por exemplo, com a pergunta que o próprio autor se faz sobre o que teria sido a civilização grega sem o grande poeta Homero. Mas se a literatura mantém viva a língua como patrimônio de uma coletividade, assim como mantém em exercício também nossa língua individual. Para efeito de ilustração dessa afirmativa de Eco, bastaria comparar, entre nossos alunos de ensino médio, a expressão daqueles que lêem um pouco mais com a dos que nada ou muito pouco lêem do gênero literário.

Mais uma função apontada pelo semiótico italiano, e de interesse para nossa pesquisa, é a de que a leitura desse gênero obriga-nos a ser fiéis e a respeitar uma obra, mesmo exercendo nossa liberdade ao interpretarmos. A liberdade de interpretação não ocorre porque podemos atribuir qualquer sentido ao texto, observação que o estudioso vem fazendo ao longo de seus estudos desde que constatou que sua tese de obra aberta foi mal compreendida. As obras literárias, afirma o autor, “nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades, da linguagem e da vida” (ECO, 2003, p.12). Aqui Eco chama a atenção para o que ele mesmo já havia observado: a intenção do texto. Ocorre que, paralelamente à liberdade do leitor, há as *verdades* do texto, ou seja, algumas proposições do mundo da literatura que não podem ser postas em dúvida, uma vez que esse mundo imaginário oferece ao leitor um modelo de verdade

difícil de pôr em questão. Focalizando algumas obras clássicas, o autor pondera que suas personagens “tornaram-se coletivamente verdadeiras porque a comunidade neles depôs, no correr dos séculos ou dos anos, investimentos passionais” (ECO, 2003, p.16).

Assim, e aqui penso encontrar-se a síntese da última função apontada pelo autor, “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações” (ECO, 2003, p.15). A função de alguns contos *imodificáveis* seria a de levar-nos a perceber a impossibilidade de mudar o destino das personagens, de forma que “qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa”, por isso, conclui, esses contos nos ensinam também a morrer, e a educação ao Fado e à morte seria uma das principais funções do gênero literário (ECO, 2003, p.21).

A linguagem configura-se como uma manifestação que exige a presença de no mínimo dois interlocutores – um que codifica a mensagem, outro que a decodifica, para usar aqui o princípio da comunicação verbal de fundamento estruturalista. A linguagem literária prevê, de maneira mais contundente que outras formas de linguagem, porque intensa e intencionalmente polissêmica, não só a presença mas a participação efetiva de dois sujeitos individuais no processo interlocutivo. O crítico Wendel Santos parte desse pressuposto para formular o seguinte axioma: “Literatura é o lugar possível da existência do sujeito: o literário não só permite como incentiva a manifestação do individual.” (SANTOS, 1978, p.61).

Tal manifestação é possível porque a leitura do texto literário pressupõe um trabalho de interpretação que depende de cada leitor, mas não se pode deixar de evidenciar que se trata de um leitor cuja individualidade é determinada por sua memória discursiva, portanto, constituída numa trama histórico-social. Assim, esta investigação parte do pressuposto de que o leitor na prática de leitura do gênero literário sofre uma experiência de subjetivação, o que por sua vez pressupõe a compreensão da atividade leitora desse gênero como processo de subjetivação, mesmo se realizada na sala de aula, isto é, quando o leitor se encontra inserido numa coletividade.

Em artigo intitulado “Para que servem as ficções?”, Contardo Calligaris (2007, p.8) considera que há uma idéia comum de que a ficção “nos apresenta a diversidade do mundo e constitui um repertório do possível”. Ou seja, o possível de acontecer com alguém em algum tempo e lugar. E para responder à ponderação de que essa idéia valeria para outros gêneros, como o documentário ou o ensaio etnográfico, ele acrescenta que a ficção produz uma *mágica complementar*: a de inventar experiências singulares que revelam a humanidade que é comum a todos, tanto aos protagonistas quanto aos leitores. O poder mágico do texto ficcional estaria no fato de que “A ficção de uma vida diferente da minha me ajuda a descobrir o que há de humano em mim.” (CALLIGARIS, 2007, p.8). Por mais que aceitemos, com Bakhtin (1995), que a linguagem é uma manifestação social, sabe-se que ela ocorre mediante a manifestação das singularidades dos sujeitos sociais.

Em *O sol se põe em São Paulo*, mais novo romance de Bernardo Carvalho, encontra-se a seguinte afirmação: “Enquanto os escritores escrevem, as histórias acontecem em outro lugar.” (CARVALHO, 2007, p.10). Após citar esse trecho do romance, Noemi Jaffe (2007, p.1) pergunta: “Então aquilo que estamos lendo também finge ser literatura e a história, na verdade, está acontecendo em outro lugar?”. A crítica pondera que esse seria o tipo de dúvida que mais tem importância para o leitor. Finalizando suas considerações sobre a obra, ela aponta uma possível peça pregada pelo narrador/autor, com a finalidade de desviar a atenção do leitor daquilo que seria a principal problematização de Carvalho: “existem muito mais mentiras nos fatos e verdades nas narrativas do que supõe a nossa astúcia vã.” (JAFFE, 2007, p.1).

Jorge Coli (2007, p.2) em artigo sobre leitura e leitores, argumenta que a prática de leitura tem sido substituída pela da análise crítica, de forma que a obra literária tornou-se objeto de dissecação, passou a ser mero pretexto para “exercícios mentais altamente sofisticados”. Para reiterar suas considerações, o colunista cita o lingüista Todorov, para quem “Há algum tempo que, na escola, pararam de refletir sobre o sentido dos textos e passaram a estudar de preferência os conceitos e métodos de

análise” (TODOROV *apud* COLI, 2007, p.2). Esse pensamento resume a tese de seu último livro *La littérature en péril (A literatura em perigo)*, em que o teórico búlgaro reúne alguns ensaios para defender o gosto pela leitura, o amor aos livros; defesa que, para ele, guarda relação com a prática leitora vivida na juventude. Abordando a finalidade da leitura literária, Todorov assevera que se trata de “compreender o sentido deles e, por meio deles [dos textos], o que nos dizem da própria condição humana” (TODOROV *apud* COLI, 2007, p.2).

Essas breves considerações certamente bastam como justificativa para a proposta do curso oferecido, como disciplina acessória optativa intitulada “A literatura pelo viés do conto”, a alunos das três séries do ensino médio do Cepae/UFG, nos dois primeiros semestres dos anos 2006 e 2007. O curso e as reflexões por ele suscitadas configuram-se como uma das ações da pesquisa “A prática social da leitura”, desenvolvida por professores da subárea de Português do Cepae/UFG. A pesquisa objetiva, de forma mais ampla, observar o lugar social e cultural que a leitura – e associada a ela o processo de formação de leitores – tem ocupado na sociedade. O propósito é contribuir com a discussão sobre a leitura, para que essa atividade se constitua como uma prática mais significativa principalmente para os jovens.

Fundamentada na compreensão discursiva de linguagem, a pesquisa parte da concepção de leitura e interpretação como produção de sentidos pelo leitor, mediante a discussão de categorias como discurso, texto e gênero discursivo, autoria, leitor. A visão de Mikhail Bakhtin (1995; 1997) coloca-se como o matiz inicial, especialmente os conceitos de dialogismo e gêneros discursivos, que refletem sua compreensão de linguagem como resultado da relação entre interlocutores que, em situação de interação e conflito, produzem sentidos. Também constituem apoio teórico deste projeto alguns estudos de Michel Foucault (1995; 1992; 1999) voltados para o discurso, especialmente sua compreensão de linguagem como um murmúrio infinito de vozes da história, do que decorre a concepção de texto como um discurso que tem sua singularidade, mas que é parte integrante

de um discurso maior e coletivo, a história da época em que é produzido.

Para sustentar a idéia da prática de leitura como *instrumento* de formação e inclusão social, uma vez que se trata de uma sociedade constituída de práticas determinadas preponderantemente pela palavra escrita, essa pesquisa pauta-se nas considerações de Candido (1972; 1995), no que se refere à relação leitura-formação e ao direito à literatura. O pressuposto inquestionável de que se parte é o de que há um estreito vínculo entre leitura e inserção social, entre o acesso aos bens da cultura letrada e a participação na construção da sociedade.

A ação à qual se liga este trabalho propõe-se investigar o poder que a narrativa curta pode exercer sobre o processo de formação do gosto pela ficção, e a conseqüente formação do leitor. O propósito do curso foi o de provocar no aluno-leitor o interesse pelo discurso ficcional, a partir de uma seleção de contos da literatura universal e brasileira, com o fim específico de ler em sala de aula para garantir o envolvimento do leitor no universo da ficção. A natureza do gênero, a estrutura, as influências, a tipologia foram consideradas nas atividades de leitura e interpretação, mas a ênfase maior foi na percepção, pelo aluno, do entrecruzamento dos discursos, conseqüentemente, do imenso e sutil labirinto que é a linguagem, especialmente a do discurso literário, na constituição dos sujeitos — personagens e leitores — e do grande texto que é o mundo. A proposta do curso reitera a discussão sobre a leitura do clássico pelo leitor pouco experiente, com o propósito de problematizar por que ler os clássicos, da perspectiva de Calvino (1997).

Por que o gênero conto?

O intuito inicialmente é realçar o conto, independente de sua tipologia ou temática, como uma modalidade narrativa propícia ao efetivo exercício de leitura em sala de aula, dadas as suas propriedades — condensação, compactação, concentração, que podem ser traduzidas por economia dos meios narrativos com vistas a um efeito único no leitor (GOTLIB, 1998).

Subversivo em sua natureza, misto de prosa e poesia, e às vezes até drama, refratário a conceituações, o conto desde sua origem traz como marca a propriedade, exclusivamente sua, de enredar o receptor (leitor ou ouvinte). E é esse o foco de interesse: a “profunda ressonância” de que fala o contista e crítico Julio Cortazar (1984, p.151), ou a “impressão de vida ou então simples emoção a ser instalada na alma do leitor”, de que trata o também crítico Temístocles Linhares (1973, p.6). Considerando a expectativa e o envolvimento que a leitura de contos causa no leitor, propôs-se uma abordagem da recepção dessa modalidade narrativa, tendo em vista o leitor jovem.

Pelo menos uma restrição poderia se interpor a este projeto. A primeira, porque a prática de leitura de contos numa sala de aula contraria algumas considerações sobre essa modalidade narrativa. Conforme Gotlib (1998, p.57), há quem realce como marca do gênero, especificamente do conto moderno, a de se destinar ao leitor solitário. Contudo, experiências de leitura em sala de aula levam-me a comprovar que, apesar de estar inserido num grupo, a identificação entre leitor e personagem ocorre de forma individualizada. Esta situação poderia, à luz da estética da recepção, estar associada à categoria comunicativa *katharsis*, conforme Jauss (1979). Daí não nos surpreender a ocorrência freqüente de diferentes defesas de pontos de vista, pelos alunos-leitores, diante de um texto lido.

O efeito da literatura na vida dos leitores é o de *formar*, já dissera Candido (1972), mas não se trata de uma formação de cunho moralizante, isto é, a função do gênero literário é educativa mas não se reduz à transmissão de idéias morais, positivas ou negativas. Para encerrar o artigo sobre as funções da literatura, Eco aborda especificamente o conto do tipo *imodificável*, sobre o qual afirma: “Ler um conto também quer dizer ser tomado por uma tensão, por um espasmo”, isso porque, “qualquer história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos.” (ECO, 2003, p.20-21)

Considerando a função da literatura acima exposta, durante as aulas do curso, que consistiu basicamente na atividade de ler os contos, alguns aspectos foram acentuados, mediante a exploração dos efeitos provocados nos leitores.

Observou-se o poder da narrativa – aspecto motivado pela leitura do episódio “A tecelã das noites – história da bela Sherazade” de *As mil e uma noites* – a incapacidade de o homem viver sem a narrativa, conseqüentemente, sem a ficção. Os elementos da narrativa foram tratados na medida de seu interesse para a leitura, contudo houve uma ênfase na observação do conflito nos contos, com o interesse de provocar o aluno a perceber se o conto traz proposta de solução ou não e, como conseqüência, a percepção sobre a visão de homem e de mundo apresentada pelo autor.

Contos e autores

O objetivo de trazer o rol de contos lidos durante o curso é o de dar a conhecer os títulos escolhidos e, conseqüentemente, indicar alguns pressupostos que nortearam a escolha dos textos. A seleção foi determinada pela professora do curso, portanto passou pela interferência de seu perfil como professora e idealizadora da prática escolar, mas não deixou de sofrer forte influência de seu perfil como leitora.

Diante da vasta produção da contística brasileira, houve certamente bastante dificuldade em fazer uma seleção do que se pode considerar como boa literatura e ao mesmo tempo como título provocador ao jovem leitor. Assim, muitos contos foram desprezados, outros foram apenas indicados para uma possível leitura futura, não mais sob a tutela do discurso pedagógico no qual se inseriu a prática em questão.

ANO 2006	ANO 2007
1.“A tecelã das noites” (Trad. R. Khawan);	1.“A tecelã das noites” (Trad. R. Khawan);
2.“Felicidade clandestina”, Clarice Lispector;	2.“Uns braços”, Machado de Assis;
3.“A carta roubada”, Edgar A. Poe;	3.“A cartomante”, Machado de Assis;
4.“O gato preto”, Edgar A. Poe;	4.“A menina dos fósforos”, Hans C. Andersen;

ANO 2006	ANO 2007
5.“Uma árvore de Natal e um casamento”, Fiódor Dostoievski;	5.“Negrinha”, Monteiro Lobato;
6.“Angústia”, Anton Tchekov;	6.“O caso da vara”, Machado de Assis.;
7.“Solfieri”, Álvares Azevedo;	7.“Pai contra mãe”, Machado de Assis;
8.“Dois amigos”, G. Maupassant;	8.“Pelo Caiapó Velho”, Hugo C. Ramos;
9.“A causa secreta”, Machado de Assis;	9.“Ninho de periquitos”, Hugo C. Ramos;
10.“Conto de escola”, Machado de Assis;	10.“Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, Bernardo Êlis;
11.“Uns braços”, Machado de Assis;	11.“Ontem como hoje, como amanhã, como depois” , Bernardo Êlis.;
12.“Pai contra mãe”, Machado de Assis;	12.“Frederico Paciência”, Mário de Andrade;
13.“A menina dos fósforos”, Hans C. Andersen;	13.“Desenredo”, Guimarães Rosa;
14.“O caso da vara”, Machado de Assis;	14.“Sinhá secada”, Guimarães Rosa;
15.“Negrinha”, Monteiro Lobato;	15.“Gaetaninho”, Alcântara Machado;
16.“A touca de bolinha”, Sérgio Faraco;	16.“Minsk”, Graciliano Ramos;
17.“Biruta”, Lygia F. Telles;	17.“A troca e a tarefa”, Lygia B. Nunes.
18.“A enxada”, Bernardo Êlis.	18.“Os desastres de Sofia”, Clarice Lispector.

Avaliação do curso pelos alunos

A transcrição de algumas das breves considerações dos alunos-leitores sobre as experiências vividas no decorrer do curso

tem como propósito trazer à tona o próprio discurso dos jovens leitores. O intento foi o de fazê-los falar, dar-lhes voz e ouvi-los, conhecer suas impressões, que muitas vezes são discursivizadas mas nem sempre consideradas como prática de subjetivação.

Ano 2006

1. “O curso ‘Leitura pelo viés do conto’ foi uma disciplina de suma importância para a minha vida; embora às vezes as aulas me cansassem um pouco pois essas eram as últimas aulas da 3ª feira. O curso foi sensacional.

Conhecemos autores fantásticos, entendemos melhor Machado de Assis, hoje, quando penso em *Dom Casmurro*, o livro que li do Machado antes da disciplina, o compreendo de forma muito mais elaborada.

Algo fantástico que consegui observar foi o fato de em cada conto que ou ouvia eu ter me sentido como se estivesse vendo uma vitrine do mundo ou das relações humanas, mas o melhor de tudo foi que ao fim de cada conto apurávamos mais o nosso gosto, o transformando em bom gosto e deixando para trás a mediocridade que vemos todos os dias em todos os lugares. Saber diferenciar a água do óleo para mim é de suma importância, e só sabendo o que é bom para saber o que é ruim, e Edgar Allan Poe é ótimo, Machado também e todos os outros são bons.” (R.L.E., 3ª série E.M.)

2. “O curso ‘A literatura pelo viés do conto’ pode me ajudar bastante, pois me ensinou a ter uma visão diferente das coisas que acontecem ao nosso redor, e nem sempre estamos preparados para enfrentá-las (...) me informou muito das coisas da vida como realmente são.” (K. A., 3ª série E. M.)

3. “Esse curso “A literatura pelo viés do conto” foi muito bom e proveitoso em todos os aspectos, tanto moral, intelectual e social.

Moral porque a maioria dos contos trabalhados nos ensinou que a amizade pode ser cultivada e ser eterna, como fica claro no conto “Dois amigos”, de Guy de Maupassant, nos

ensinou que devemos ajudar e olhar para o próximo dando-lhes ouvidos, amor, conforto, alimento e abrigo, como vimos nos contos “A menina dos fósforos”, de Andersen, “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, “Negrinha”, de Monteiro Lobato, “A touca de bolinha”, de Sérgio Faraco etc.

Intelectual, porque nunca a leitura é demais, e nesse curso nós lemos muito, tanto contos nacionais e internacionais, ou seja, aprendemos também um pouco da literatura de outros povos, o que é muito bom.

E social porque os contos além de nos darem lições de vida, nos ensinando a não termos preconceitos, racismo, discriminação etc também falou muito dos comportamentos humanos. Os contos falaram sobre o amor e a paixão que sentimos pelo outro, às vezes até de forma pedófila, falaram sobre os prazeres que muitos sentem em ver os outros sofrerem até mesmo os animais.

Nunca imaginei que a leitura de contos pudesse ser tão interessante e produtiva, porque antes eu não gostava de ler contos, agora “aprendi” a lê-los.” (J.B., aluna 2ª série E. M.)

Ano 2007

1. “Quem nunca quis ser Werther? Amar incondicionalmente, vangloriar sua diva, fazer, do impossível, o possível, romper com as fronteiras, quebrar as correntes? Me ferrei. Sentir o amor lascivo de Inácio por D. Severina, em “Uns braços”, de Machado, ou a felicidade de Negrinha ao brincar com as bonecas, a singularidade do sentimento, ou os delírios e ilusões lúcidas da pequena vendedora de fósforos.

A ficção de fato cria situações peculiares mas que revelam ao leitor sentimentos incompreensíveis ou nunca sentidos.” (L. F. C.; aluno da 3ª série E. M.)

2. “Muitas vezes pensamos que sabemos muitas coisas dessa vida, no ‘ensoberbecemos’ (assoberbar-se?) pensando que somos conhecedores de nossos sentimentos, mas basta ler um conto de Machado do Assis ou um do Guimarães Rosa para descobrirmos que há certas facetas do comportamento humano em geral que nós não conhecíamos

ou simplesmente fechávamos os olhos para elas.” (R. A. R., 2ª série E. M.)

3. “Conheci Hugo de Carvalho Ramos, saboreei Bernardo Élis, comi Machado, degustei Mário de Andrade, me alimentei de Guimarães Rosa, experimentei Lygia Bojunga... Clarice Lispector... Marina Colasanti... Monteiro Lobato... Alcântara Machado... (...) Descobri, através dos personagens fictícios, minhas potencialidades, meus sonhos, minhas dúvidas e minhas certezas; percebi que os meus sentimentos eram comuns a outros, mesmo que estes foram (fossem) criações fictícias de algum escritor que queira (quisesse) transferir os seus sentimentos a personagens experimentais, dividindo os fardos.

Parafraseando Rosa, era infinitamente junho e deparei comigo mesmo, me encontrei estagnado em uma mórbida depressão progressiva, e, em novamente Rosa descobri que o tempo é engenhoso, os árduos sofrimentos alheios revelaram a sutileza das resoluções dos meus desgostos.” (L. F. C.; aluno da 3ª série E. M.)

4. “Para cada conto a imaginação me permitia viver a história de cada personagem, e nas histórias, às vezes matei, em outras sorri, chorei e morri.” (E. A. O.; aluna da 3ª série E. M.)

5. “Esta disciplina fez com que eu me interessasse mais por leituras de contos, onde (que) eu achava uma chatice e vejo que estava errada, quando lemos contos embarcamos num mundo totalmente diferente do nosso (...).” (A. C., aluna da 2ª série E. M.)

6. “Ao longo do curso aprendi a argumentar mais sobre os acontecimentos, tive uma visão mais ampla do mundo e comecei a compreendê-lo melhor.” (N. G., aluna da 2ª série E. M.)

Conclusões

A sedução do discurso narrativo nas diversas histórias contadas pela bela Xerazade salvou-a da morte e a tantas outras

moças que deveriam sucumbir ao decreto do rei Xeriar, n'**As mil e uma noites**. Penso, diante dos depoimentos de meus alunos-leitores, ser possível concluir que eles caíram na *armadilha* do curso: a sedução pelo discurso literário. Ainda que inscrito na ordem do discurso pedagógico, uma vez que se tratou de uma prática promovida e realizada pela escola, o curso cumpriu seu propósito em razão do poder de transgressão do discurso literário.

Mesmo correndo o risco de cometer excessos, acho possível afirmar que esses leitores estão mais distantes da mediocridade e mais próximos da liberdade, pois foram iniciados, pelo viés da literatura, na compreensão da frágil natureza humana, na percepção do mundo que os rodeia e os constitui.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: _____. *O cânone ocidental*. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p.23-47.

_____. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001b.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000, v.1 e 2.

CALLIGARIS, Contardo. Para que servem as ficções? *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 18 jan. 2007. Ilustrada, p.8.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*, v. 24, 24 set. 1972.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLI, Jorge. Leitura e leitores. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 18 fev. 2007. Caderno Mais!.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CRUVINEL, Maria de Fátima. A leitura literária na escola: a palavra como diálogo infinito. Araraquara, 2002. Tese – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In _____. *Sobre a literatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. *O que é um autor?* 3.ed. Portugal: Vega, 1992.

_____. *A arqueologia do saber*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

JAFFE, Noemi. A narrativa se curva sobre si mesma. São Paulo. In: *Folha de S. Paulo*. Ilustrada. E1, 03, mar. 2007.

JAUSS, Hans Robert. In: LIMA, Luiz da Costa (org.). *A leitura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINHARES, Temístocles. *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

POE, Edgar Allan. Filosofia da composição. In _____. *Poemas e ensaios*. 2 ed. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.